

2017



BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda
Naiara Carvalho
Gerência de Operações e Planejamento
Julho - 2017



1 - Cenário Internacional

Novas tensões envolvendo os EUA e a Coreia do Norte voltaram a pairar sob a comunidade internacional. O país comunista obteve sucesso ao testar um novo míssil intercontinental, que segundo especialistas norte-americanos teria capacidade de afetar a região do Alasca. Os Estados Unidos reagiu de forma contundente realizando, juntamente, com a Coreia do Sul uma simulação ofensiva com mísseis balísticos a fim de demonstrarem força. Por sua vez, a Coreia do Norte caracterizou este fato como provocação, afirmando que se os exercícios militares continuarem pode vir a ser o estopim de uma guerra nuclear. Diante desse horizonte, a China, aliado dos norte-coreanos, pediu moderação para ambos os países, sugerindo que a retomada das negociações ocorra com o fato de que a Coreia do Norte suspenda seus planos nucleares e que EUA e Coreia do Sul parem com os exercícios militares conjuntos.

No tocante aos dados macroeconômicos dos EUA, o mercado de trabalho apresenta números comumente associados a uma economia robusta. Segundo o Departamento de Trabalho dos EUA, o índice de desemprego do país em junho alçou uma taxa de 4,3%. Apesar de apresentar um acréscimo de 0,1% na comparação com o mês anterior, tal número ainda fortalece a avaliação de que o país encontra-se em níveis próximos ao pleno emprego. Quanto à solicitação de seguro desemprego, houve uma redução em 1.000 requisições referente à semana encerrada em 7 de julho, que registrou 247 mil pedidos do benefício. A criação de postos de trabalho no mês citado também deu fôlego ao mercado, visto que eram esperadas 179 mil vagas quando na verdade foram obtidas 222 mil. Tal fato pode ser atrelado à elevação do PMI industrial norte-americano, ao passo que o indicador registrou no mês de junho 57,8 pontos frente a 54,9 no mês anterior. Esta conjectura positiva da economia norte-americana vem sugerindo uma política mais gradual na taxa de juros por parte do FED.

No outro lado do Atlântico, os indicadores da Zona do Euro continuam apontando uma ampla recuperação econômica da região. O valor da taxa de desemprego ficou estável em 9,3% no mês de maio, sendo este o menor nível nos últimos oito anos. A inflação dos dezenove países que compartilham o Euro desacelerou, registrando no mês de junho 1,3% ante a 1,4% no mês anterior, sendo a menor taxa alçada desde o início do ano. Além disso, a indústria da Zona do Euro cresceu de maneira positiva: O valor da produção industrial obteve ganhos de 1,3% em maio, e o PMI Industrial subiu para 57,4 em junho acima dos 57,0 vistos em maio.

No entanto, os dados macroeconômicos positivos da Zona do Euro estão deixando o mercado receoso, posto que o presidente do Banco Central Europeu (BCE), Mario Draghi, a fim de

não levar a economia europeia a uma nova recessão, sinalizou uma possível retirada de estímulos monetários na região, haja vista que a percepção do BCE é que a economia europeia está crescendo acima do esperado, fato este que tende a levar a inflação à meta de 2%.

Direcionando a análise para a Ásia, pode-se ressaltar que a segunda maior economia mundial, a China, apontou elevação em junho quanto ao seu Índice Geral de Compras (PMI). O índice registrou 51,7 pontos no mês observado, ante 51,2 em maio. A leitura que se faz diante de tal número é que há um crescimento sólido da atividade industrial chinesa, haja vista que em todos os meses referente ao primeiro semestre do ano o indicador estabeleceu-se acima dos 50 pontos, o que significa expansão da atividade industrial. Vale ressaltar ainda, que a balança comercial chinesa obteve ganhos no mês de junho em relação a maio, impulsionada por uma demanda global firme. As exportações no período citado subiram 11,3%, enquanto as importações aumentaram 17,2%, configurando um superávit comercial na ordem de 42,77 bilhões de dólares no mês em questão.

Sob o ponto de vista doméstico, o mercado estava inundado pelo ceticismo em meio às tensões políticas que assolaram o Planalto. Contudo, a aprovação da reforma trabalhista no Senado e a rejeição do parecer que recomendava continuidade da denúncia de corrupção passiva contra o atual presidente, Michel Temer, na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara, acalmou o mercado. Acredita-se que a permanência de Temer no cargo facilite a tramitação e aprovação de demais reformas estruturais, tal como a previdenciária, que é tida como essencial para a manutenção da saúde fiscal do país.

No que tange ao lado econômico brasileiro, a trajetória do IPCA, no ano, demonstra um cenário de estabilização da inflação. O indicador referente a junho apontou recuo de 0,23% na comparação com o mês anterior. Ademais, o Relatório Trimestral de Inflação, divulgado pelo Banco Central, destacou o cenário de desinflação, cuja previsão para o IPCA no término de 2017 é de baixa, ficando em torno de 3,8%. Desse modo, ganhou força entre os agentes a expectativa de continuidade de cortes na taxa de juros Selic pelo COPOM, na qual as projeções de mercado indicam redução de 1 ponto base, com a taxa chegando a 8% ao ano.

Assim, apesar dos fatores internacionais citados, a economia nacional é mais influenciada via acontecimentos internos. A queda no risco doméstico, tendo em vista possíveis aprovações e implementações das reformas fiscais e o declínio da inflação, que favorece a recomposição da renda real e contribui para a recuperação paulatina do consumo, possibilitam uma possível retomada gradual da atividade econômica brasileira.

2 -Preços

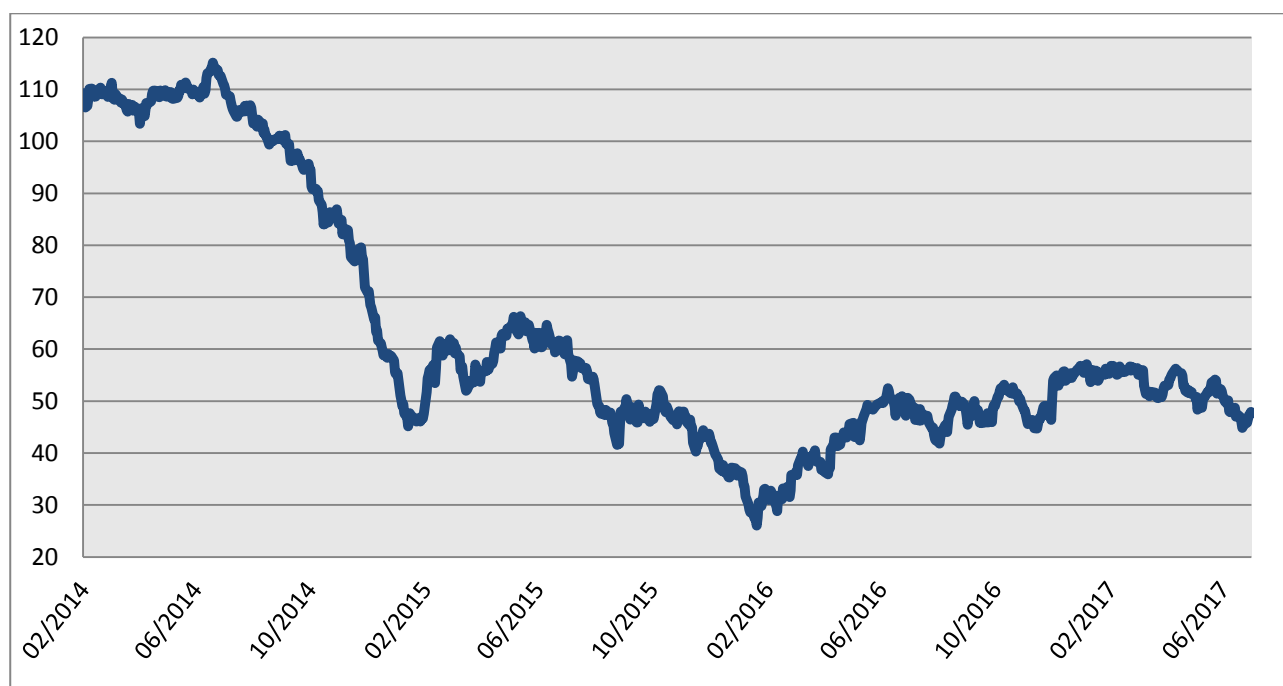
Os preços do petróleo registraram no mês de junho de 2017 um valor mínimo de US\$ 44,82, máximo de US\$ 50,63 e média de US\$ 47,58, representando um decréscimo de 7,45% em relação ao mês de maio. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US\$ 51,00 para 2017 e US\$ 52,00 para 2018. Em comparação ao relatório anterior, houve redução de US\$ 2,00 na expectativa do preço para o final deste ano e de US\$ 4,00 para o encerramento de 2018.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto declinaram em 7,5 milhão de barris na semana encerrada em 07 de julho. Tal número foi acima da previsão do mercado que esperava queda em 2,8 milhões barris, no período observado.

Assim, a expectativa de contínuos declínios nos estoques de petróleo dos EUA aliada com o acordo de corte de produção, liderado pela OPEP, tende a dar esperança ao mercado quanto a um maior equilíbrio entre demanda e oferta de petróleo, valorizando assim o preço da *commodity*.

O gráfico 1, mostra a queda intensa no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de janeiro de 2016 o preço chegou ao valor mínimo de US\$ 26,01, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência gradual de melhora, porém com certa estabilidade nos últimos meses do período em análise.

Gráfico 1: Preço do Brent

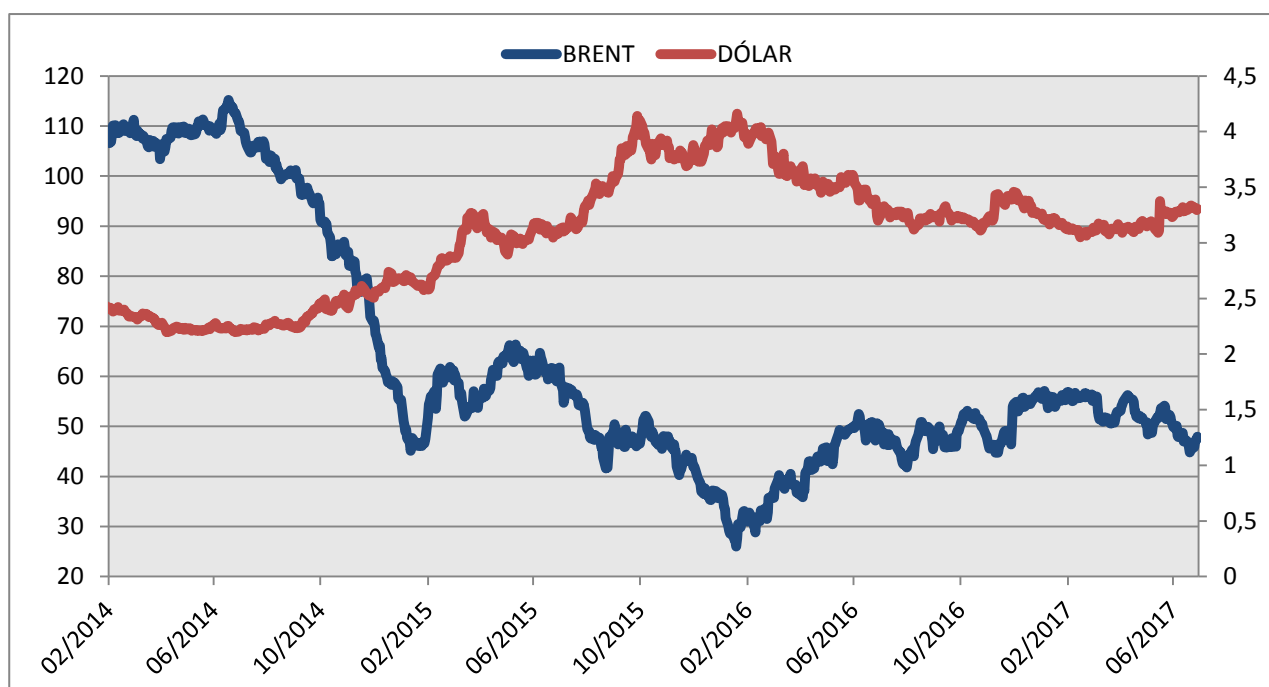


Fonte: ICE/ GOP

O gráfico 2, mostra o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, exibindo uma negatividade de 0,9 entre fevereiro de 2014 e junho de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte. De acordo com o Boletim Focus, de 14 de julho de 2017, a expectativa para este ano é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,30, mantendo estável a projeção em relação há quatro semanas.

A propensão de valorização da moeda norte-americana pode ser associada a fatores internos, tal como as crescentes incertezas ligadas ao cenário político, onde os investidores tendem a diminuir seu apetite ao risco, buscando assim divisas mais seguras, como o Dólar.

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

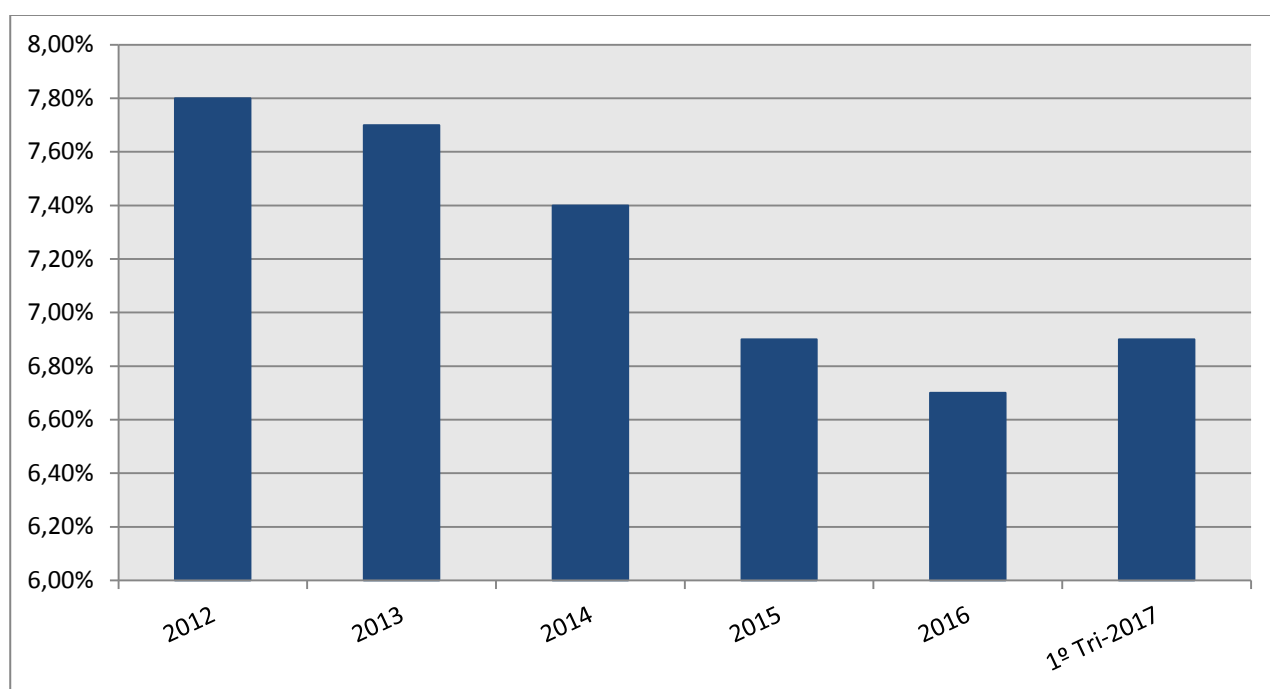
3 - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,27 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016. Tal expectativa manteve-se inalterada em relação ao relatório do mês anterior. A estimativa da EIA, está em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento da demanda por petróleo neste ano, contudo esta presume um aumento de 1,47 (mb/d) ante ao ano anterior (houve um recuo de 0,07 mb/d em relação ao relatório passado). Assim, ambas as agências estão de acordo quanto à expansão da demanda em 2017, fato este que tende a dar maior equilíbrio ao mercado, compensando o excesso de oferta global de petróleo, recuperando assim seu preço.

A OPEP e a EIA entram também em conformidade, no que concerne aos países que impulsionarão tal avanço. As duas instituições salientam que a região da Ásia tende a ter um papel fundamental pela procura de petróleo, pois grande parte desse crescimento será consumida pela Índia e China. Contudo, analisando individualmente cada país o maior demandante é os EUA, pois ele somente consome cerca de 20% do petróleo mundial.

A China é a segunda potência econômica mundial, sendo a maior exportadora e maior detentora de reservas mundiais no mundo. Apesar da desaceleração, vista no gráfico 3, o crescimento chinês ainda é forte se comparado a maioria dos países. Sendo assim, seu consumo por petróleo se mantém crescente.

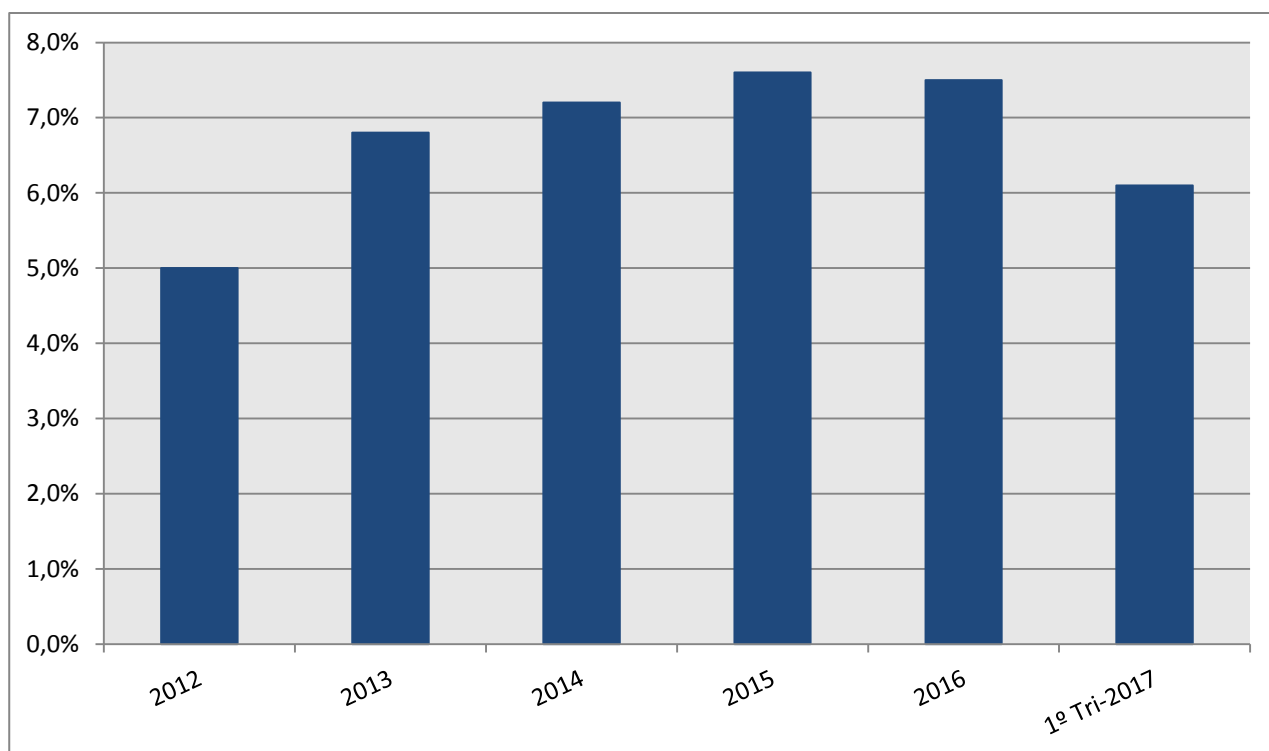
Gráfico 3: PIB - China



Fonte: Broadcast

A Índia vem vivenciando nos últimos anos um período de expansão em sua economia, sendo necessário um maior consumo da *commodity*. Conforme exposto no gráfico 4, o PIB do país vem demonstrando um crescimento na faixa de 7,0% a.a., mantendo esta tendência para 2017.

Gráfico 4: PIB - Índia



Fonte: Broadcast

Assim, conclui-se que a demanda mundial será consumida, pela Ásia, sobretudo, Índia e China, e pelos EUA. Vale ressaltar ainda que, juntamente, os três países consomem cerca de 38% da demanda mundial de petróleo, ou seja qualquer choque na economia destas nações tende a impactar fortemente a demanda mundial.

4 – Oferta

4.1- Países não Integrantes da OPEP

Segundo a OPEP, os países não integrantes de seu bloco terão uma adição em 2017 de 0,80 mb/d em sua produção, na comparação com 2016. Este número demonstra um recuo de 0,04 mb/d em relação ao último relatório, e está relacionado, sobretudo, pela menor expectativa de produção de petróleo dos países pertencentes a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Vale ressaltar ainda, que da parcela do acréscimo de produção de 0,80 mb/d pelos não-OPEP, 0,73 mb/d são pertencentes a um único produtor: os EUA. Este movimento acentuado da produção norte-americana é consequência da intensificação da produção de xisto nos últimos meses, mediante a maiores números de plataformas que entraram em atividade no país.

Do mesmo modo, a EIA também avaliou que haverá elevação da oferta em 2017 pelos países não pertencentes a OPEP. Porém, esta foi estimada em 0,96 mb/d, havendo assim um reajuste em 0,05 mb/d a mais do que o previsto no relatório passado. Assim, como a OPEP a EIA vê os EUA como o principal responsável por tal avanço, projetando aumento de sua produção em 0,78 mb/d a mais do que o ocorrido no término de 2016.

4.2- Países Integrantes da OPEP

De acordo com a OPEP, a produção global média para o final de 2017 está estimada em 96,59 mb/d, havendo uma redução de 0,33 mb/d em relação ao fechamento de 2016. Este valor obteve um acréscimo de 0,85 mb/d, comparado ao relatório de junho. No que se refere aos países pertencentes ao cartel, foi prevista uma participação de 38,77 mb/d do montante total, valor este menor em 1,01 mb/d na comparação com o ano anterior.

Já a EIA, projeta uma produção média de petróleo mundial para o final de 2017 de 98,33 mb/d, tendo um incremento de 1,16 mb/d no comparativo com o ano anterior. Tal valor foi revisado para cima em 0,03 mb/d no comparativo com o relatório passado. Em relação aos países integrantes da OPEP, a expectativa é uma média de 39,44 mb/d, participação esta a maior em 0,44 mb/d na comparação com o ano passado.

4.3- OPEP x Não OPEP

Assim, fazendo um comparativo entre as perspectivas da OPEP e da EIA em relação à oferta pode-se dizer que:

- 1- Ambas as agências preveem que ocorrerá crescimento da oferta neste ano, no que diz respeito aos países que não estão vinculados à OPEP. A concordância está também nos EUA como pioneiro desta alta, ressaltando que a crescente produção da *commodity* pelos norte-americanos pode vir a interferir nos preços no mercado global;
- 2- A OPEP estima um recuo da produção média global referente aos países integrantes de seu bloco, cuja visão está compatível com o objetivo do acordo de corte de produção, liderado pelo cartel. Já a EIA, prevê aumento na produção média dos países integrantes da OPEP, em relação ao ano anterior.

Tendo em vista o exposto acerca das projeções da demanda e oferta para o término de 2017, pode-se concluir que a OPEP acredita que haverá um crescimento da demanda e uma redução na

oferta global. Já a EIA, espera um crescimento no consumo mundial bem como na oferta total, porém esta crescendo menos do que a demanda.

Apesar de as agências ainda preverem uma demanda se recuperando em relação à excessiva oferta global deste ano, o forte crescimento da produção dos EUA diminui esta margem o que pode influenciar negativamente as perspectivas voláteis de negociação da *commodity*.

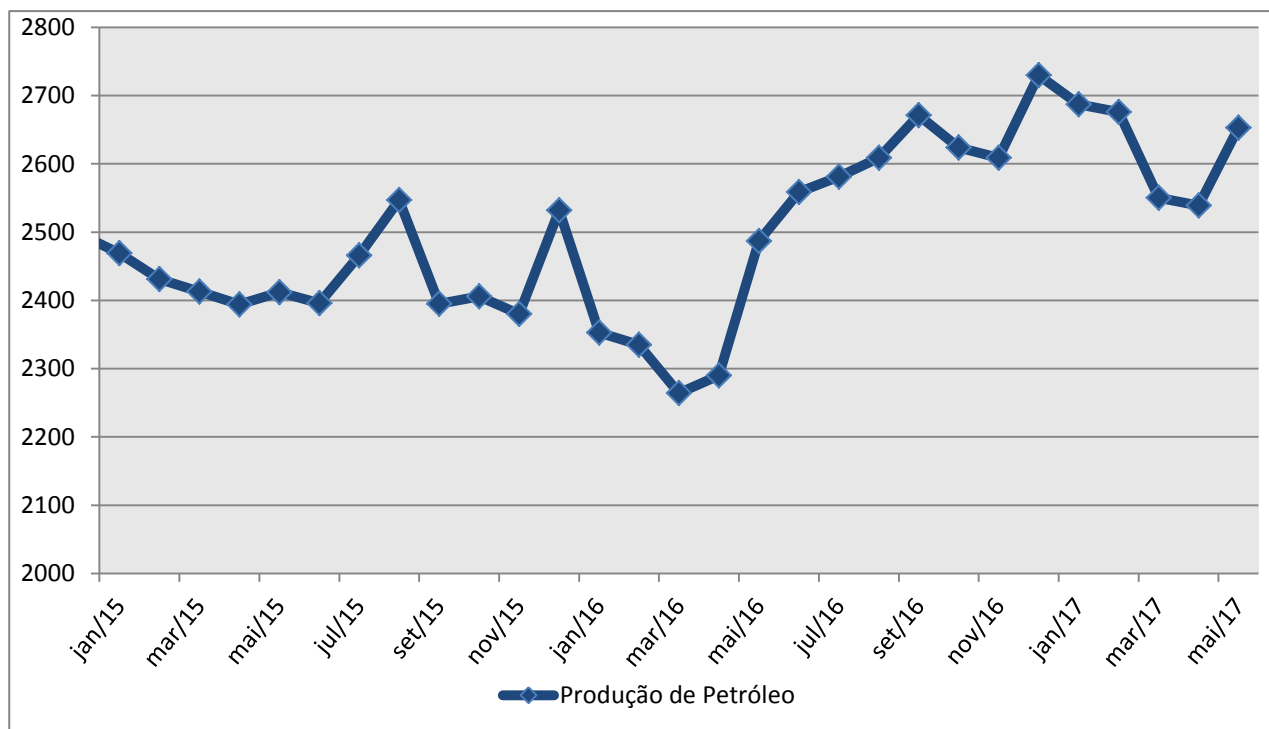
5 – Brasil

5.1- Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo do país no mês de maio ocorreu em 8.306 poços, sendo 748 marítimos e 7.558 terrestres. Houve uma redução de 33 poços em atividade na comparação ao mês anterior. Os poços marítimos, mesmo apresentando um número quantitativamente inferior aos de origem terrestre, produziram em torno de 95% de petróleo do país, no mês em questão.

Segundo a ANP, a produção nacional em maio registrou 2.653 mil barris de petróleo ao dia (Mbbl/d), configurando um aumento de 4,5% em relação ao mês de abril, recuperando assim as perdas vistas no mês anterior. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do gráfico 6.

Gráfico 6: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

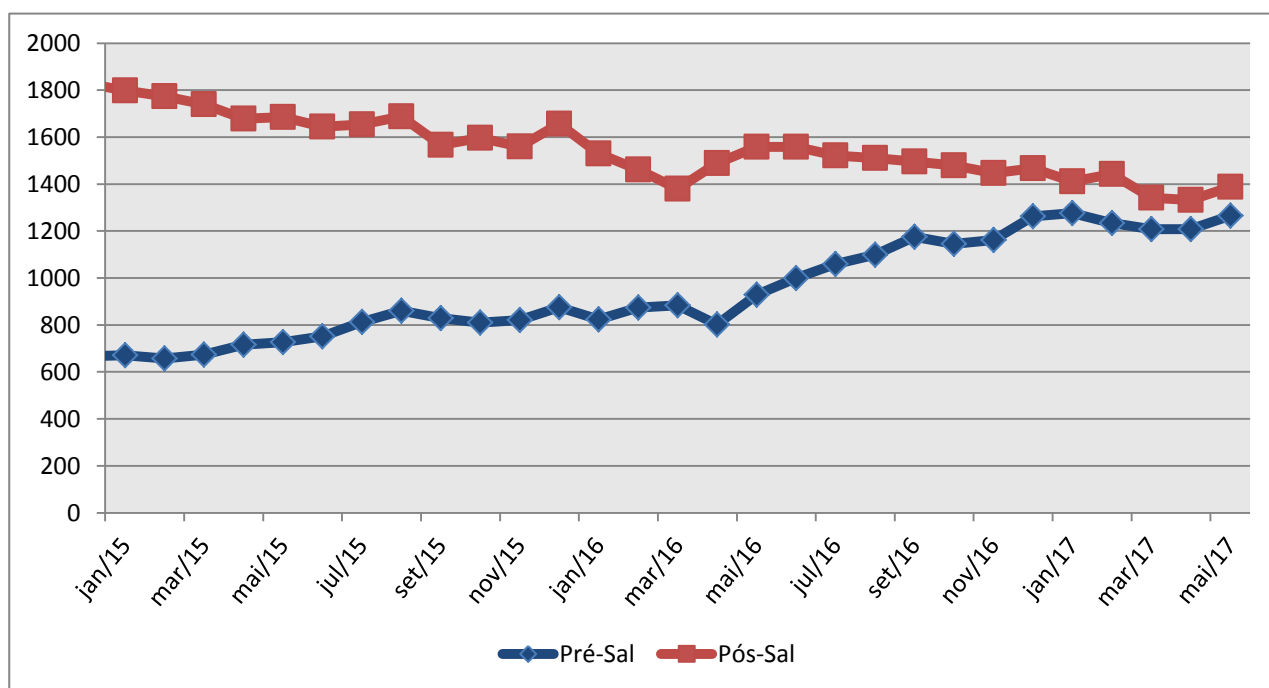
5.2- Pré-Sal x Pós-Sal

No mês de maio o pré-sal, registrou uma produção de 1.265 Mbbbl/d. Tal produção é oriunda de 75 poços, o que representa aproximadamente 48% do total produzido no Brasil. Em comparação ao mês de abril, a produção de maio apontou um acréscimo de 4,8%.

Já o pós-sal registrou no mês em análise 1.388 Mbbbl/d, equivalente a cerca de 52% da produção nacional. Este número reflete um aumento de 4,2%, se comparado ao mês anterior, demonstrando assim uma recuperação da produção no período observado.

Desse modo, conforme verificado no gráfico 7 a curva relacionada à produção do pós-sal apresenta viés de queda, enquanto a do pré-sal segue em ascendência. Estima-se que a produção originária do pré-sal ultrapassará a do pós-sal, mesmo este tendo um número maior de poços explorados.

Gráfico 7: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



Fonte: ANP/GOP

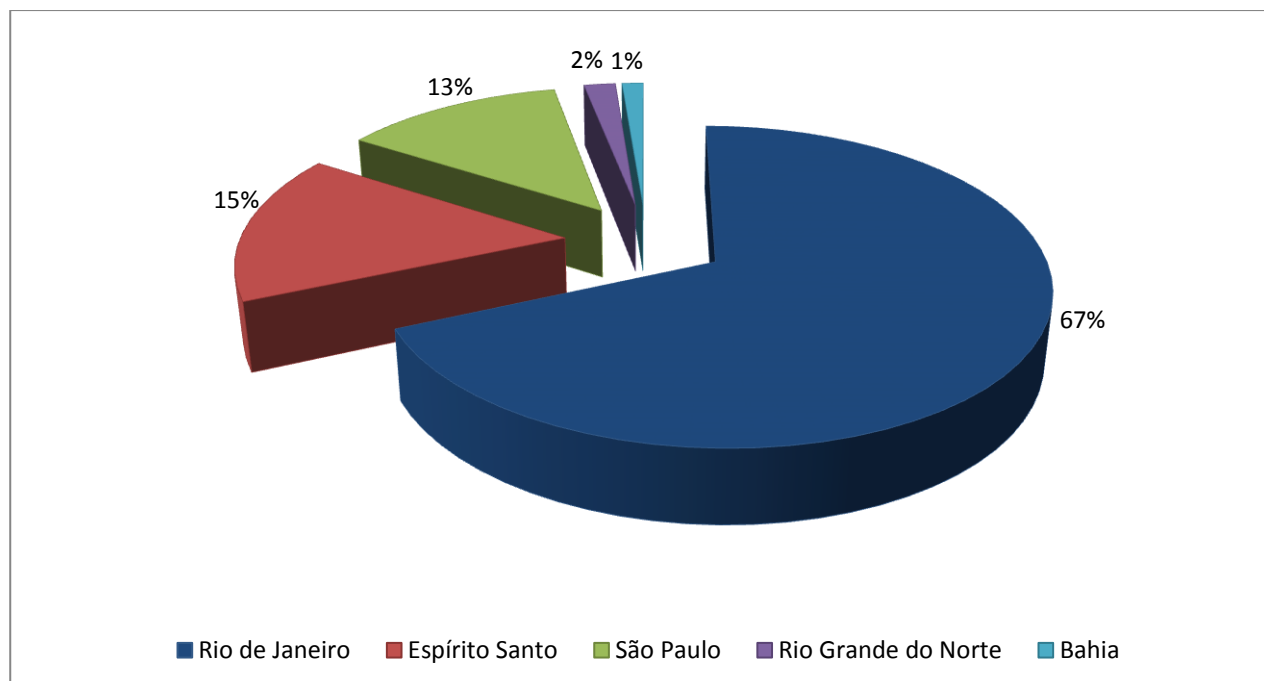
5.3- Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo os maiores produtores Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Bahia. De acordo com a ANP, o Rio de Janeiro possui maior notoriedade, pois ele, somente, foi responsável por 67% da produção nacional referente ao mês de maio.

Faz-se perceptível a importância do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representam juntos apenas 46% da produção fluminense. Vale ressaltar ainda, que o Estado de São Paulo é detentor de apenas seis (6) poços em atividade, mas que apresentam elevado grau produtivo, conduzindo assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil.

Tais afirmações podem ser vistas, respectivamente, no gráfico 8 e na tabela 1.

Gráfico 8: Estados produtores



Fonte: ANP/GOP

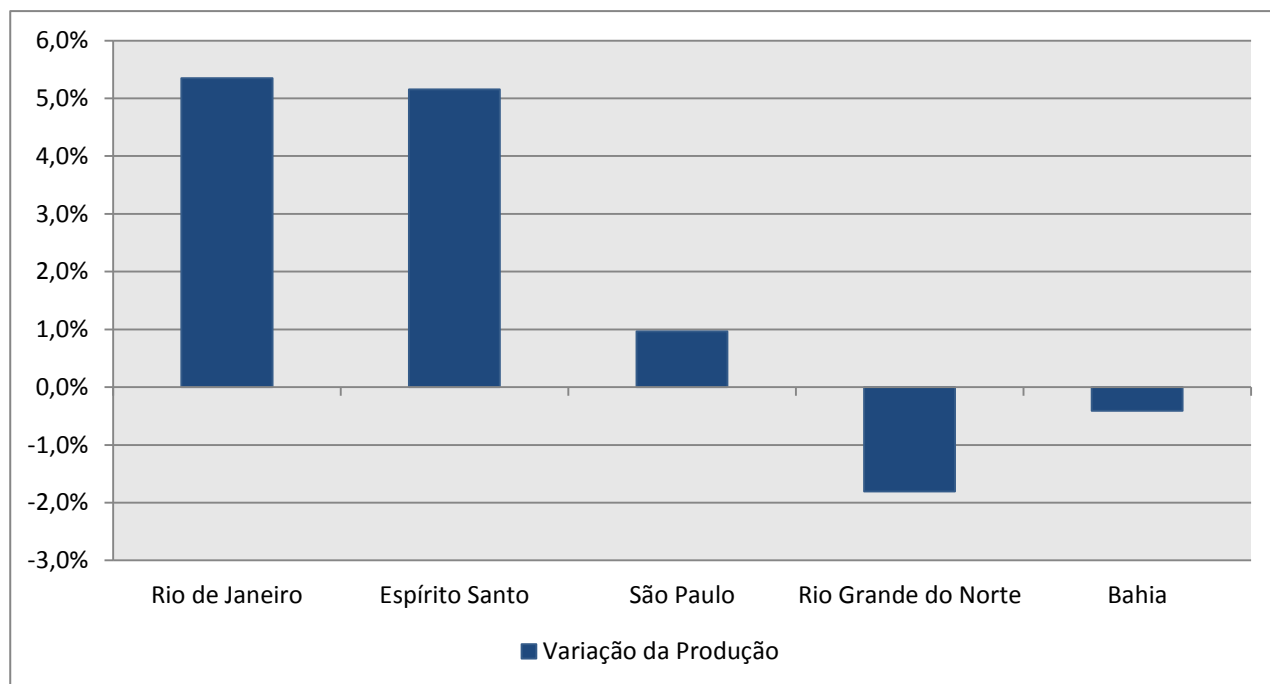
Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PRODUÇÃO - MAIO	Nº CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.779.076	44
Espírito Santo	406.314	46
São Paulo	334.150	6
Rio Grande do Norte	47.896	77
Bahia	32.304	80

Fonte: ANP

Em relação à produção, referente ao mês de maio, dos estados mencionados pode-se verificar que os três principais produtores apresentaram elevação quanto a sua produção. Como estes detêm grande parcela da produção nacional, qualquer variação dos respectivos graus produtivos influencia a direção do montante total.

Gráfico 9: Variação da Produção – Principais Produtores Estaduais



Fonte: GOP

5.4- Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo estão situadas em bacias sedimentares, sendo sua maioria em locais marítimos de águas profundas. Estas não se restringem apenas a uma localidade, podendo abranger dois ou mais estados. Hoje em dia a produção nacional é oriunda de doze (12) bacias, dentre as quais se destacam: Bacia de Campos - ES / RJ; Bacia de Santos - SP / RJ; Bacia Potiguar - RN; Bacia do Recôncavo - BA e Bacia do Espírito Santo – ES/BA.

A Bacia de Campos e a Bacia de Santos somaram no mês observado cerca de 94% da produção nacional, o que comprova a extrema concentração da capacidade produtiva do país nestas, informação esta que pode ser verificada na tabela 2.

Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

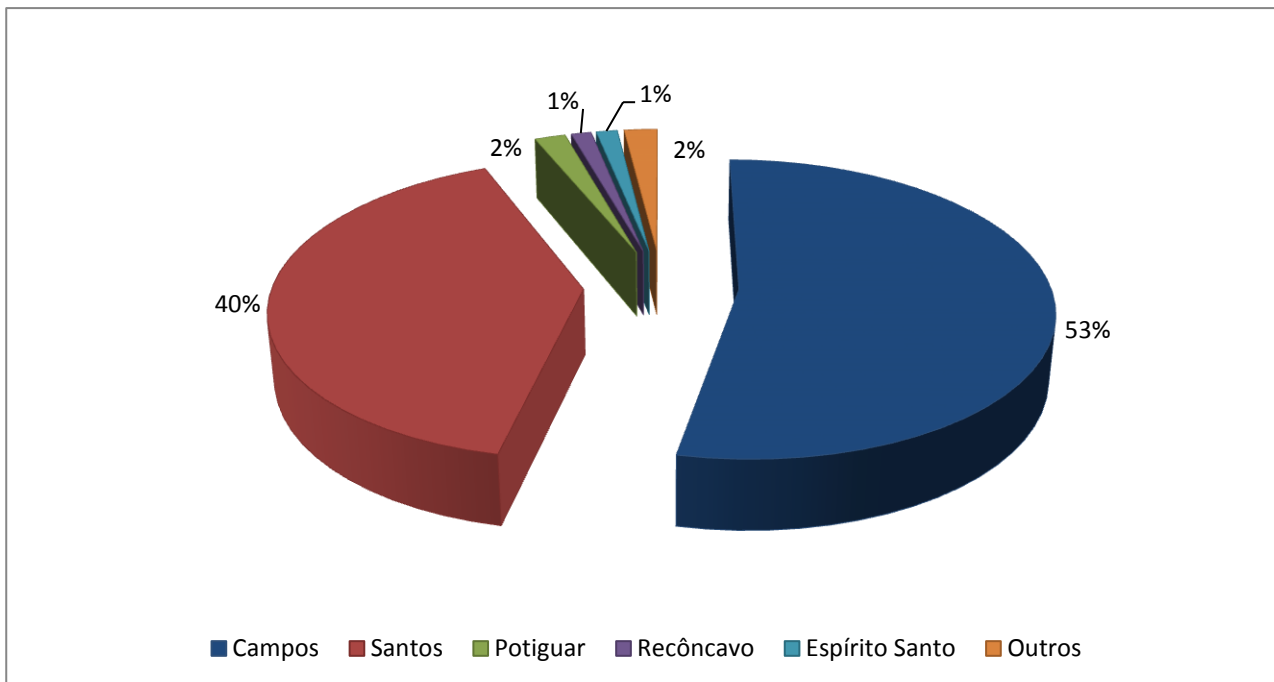
BACIA	PRODUÇÃO - MAIO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Campos	1.414.474	45	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	1.071.453	12	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	49.101	79	Rio Grande do Norte
Espírito Santo	33.612	39	Espírito Santo/Bahia
Recôncavo	31.825	77	Bahia

Fonte: ANP

No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2.653 Mbbl/d (mil barris por dia) ao qual foi constatado um acréscimo frente a abril. Apesar de vermos um ganho percentual maior na bacia do Espírito Santo, a ênfase na elevação da produção total do mês de maio pode ser atribuída às bacias de Campo e Santos, uma vez que estas possuem juntas grande parte da produção nacional.

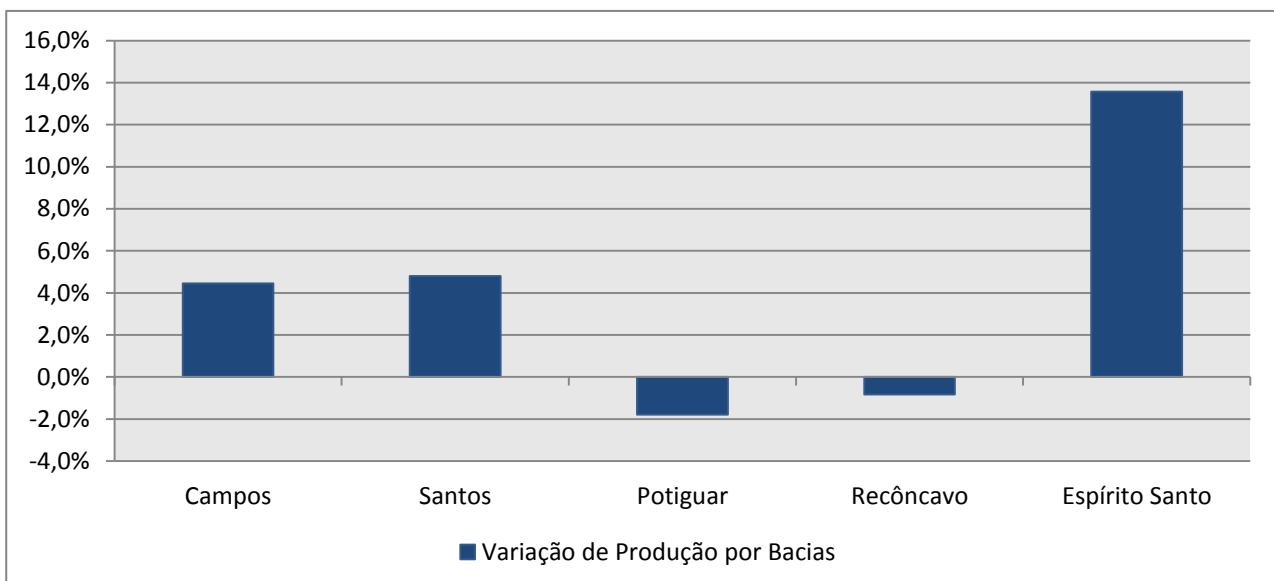
Tais constatações podem ser vistas nos gráfico 10 e 11, respectivamente.

Gráfico 10: Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: GOP

Gráfico 11: Variação de produção das principais Bacias



Fonte: ANP

5.5- Campos

No que concerne aos campos pode-se destacar os cinco maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Estes juntos somaram no mês de maio cerca de 59% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos.

Tabela 3: Distribuição da Produção por Campo

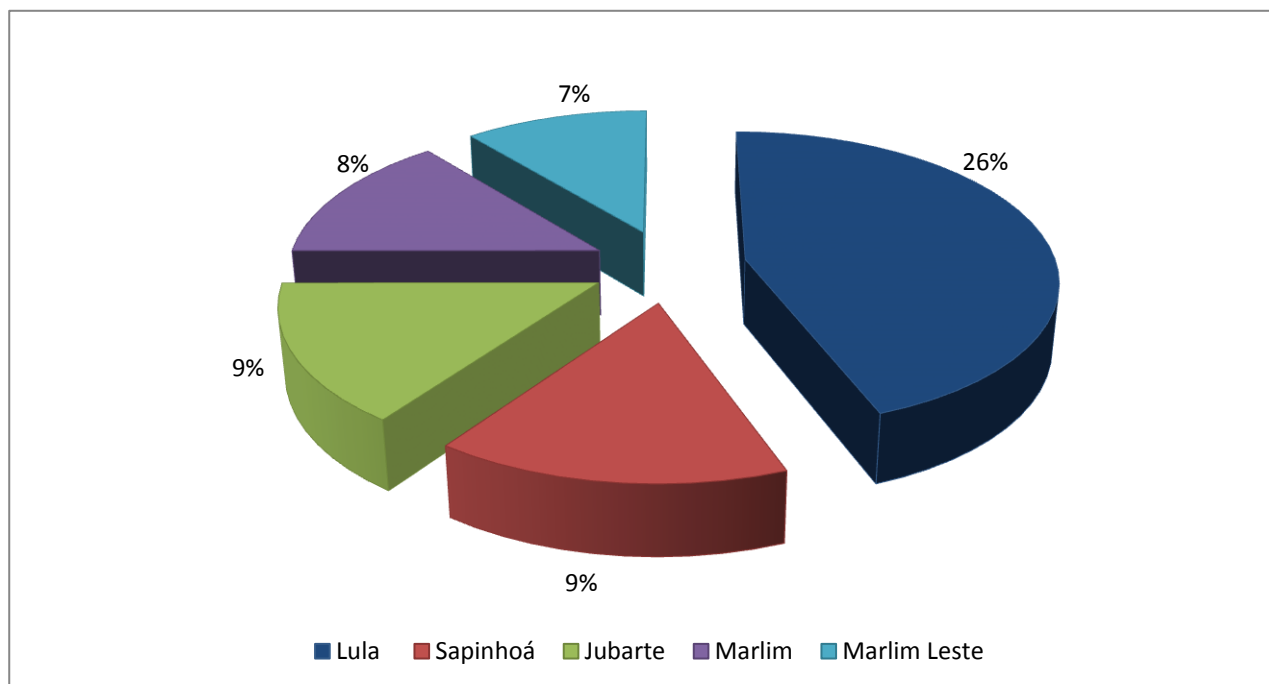
CAMPO	PRODUÇÃO - MAIO	LOCALIZAÇÃO
Lula	697	Santos
Sapinhoá	246	Santos
Roncador	237	Campos
Jubarte	221	Campos
Marlim Sul	173	Campos

Fonte: ANP

O campo de Lula, na Bacia de Santos, possui maior destaque dentre os citados, pois este, somente, representa no mês de maio, aproximadamente 26% do resultado nacional. A produção de petróleo de Lula, no mês em questão apontou uma produção de 697 Mbbl/d, representando uma variação percentual positiva de 7% na comparação com o mês anterior. Assim, pode-se concluir que, em especial, o campo de Lula foi responsável pela elevação da produção do estado do Rio de Janeiro (vista no item 5.3).

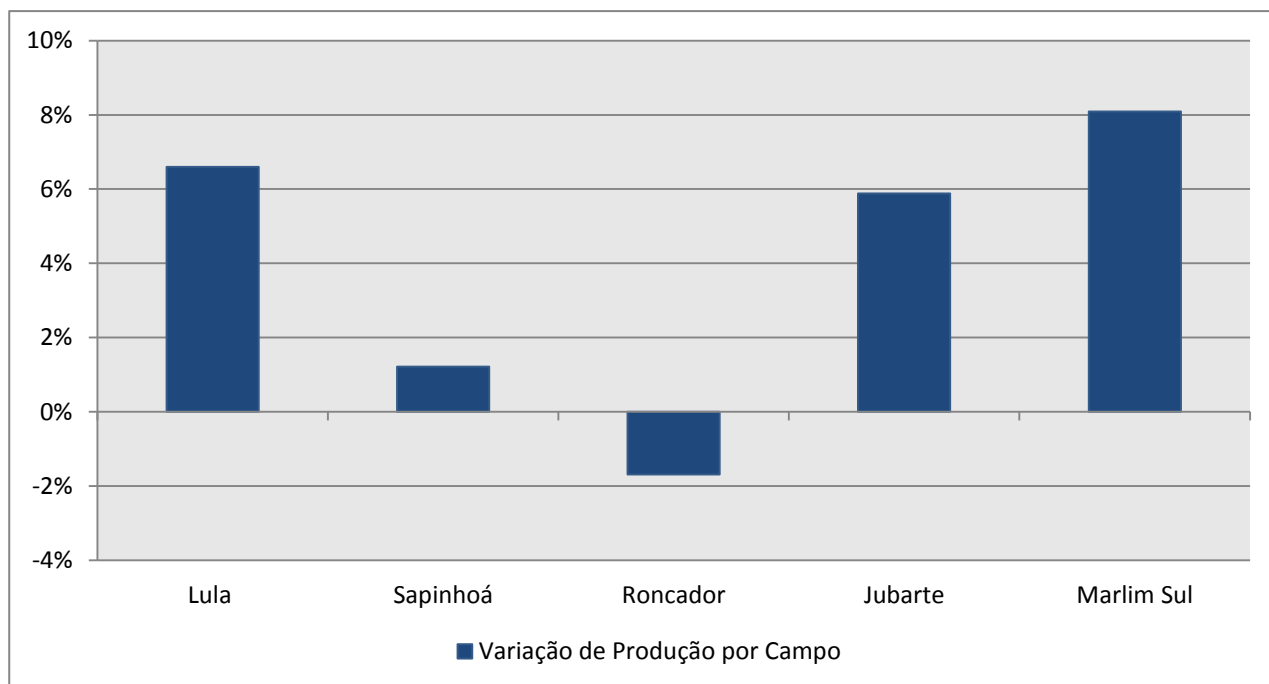
Tais ratificações podem ser vistas, respectivamente, nos gráficos 12 e 13.

Gráfico 12: Produção de Petróleo por Campo



Fonte: GOP

Gráfico 13: Variação de produção dos principais Campos



Fonte: GOP

Dessa forma, pode-se concluir que os ganhos da produção nacional, visto no item 5.1, deuse tanto pela alta da produção do Pré-Sal, quanto à do Pós-Sal. Estas elevações foram influenciadas pelo aumento de produção das principais bacias produtoras: Bacia de Santos e Bacia de Campos. A primeira foi fortemente impactada, em especial, pelos ganhos vindo do campo de Lula. Já a segunda, foi influenciada pelo crescimento da produção do campo Marlim Sul.